

A GUERRA NOS TERRITÓRIOS OCUPADOS

Maurício Waldman¹

“Há perigo de guerra civil em Israel”. A Declaração do ex-funcionário do Departamento de Estado norte-americano e especialista em assuntos do Oriente Médio Harlan Ullman, revela toda a gravidade para o Estado de Israel da recente rebelião palestina nos territórios de Gaza e Cisjordânia ocupados pelo exército israelense em 1967 durante a Guerra dos Seis Dias (Vide Box *Geografia do Conflito*).

Esta previsão pode ser mais uma daquelas que não se cumprem. Porém, não deixa de demonstrar a inquietante situação de Israel, 40 anos após sua fundação, em 1948.

Vitorioso em 1967, Israel ocupou vários territórios, procurando utilizá-los como elemento de barganha para um tratado de paz. Com o decorrer do tempo, ficou evidente que os sucessivos governos israelenses não pretendiam devolver as áreas ocupadas, processando o que muitos especialistas o que muitos especialistas denominam de *anexação silenciosa*.

Desapropriando vastas áreas, especialmente na Cisjordânia, criando ou permitindo que fossem criadas colônias judaicas habitadas em geral por extremistas, criou-se uma situação cada vez mais intolerável para a população local. Desprovidos de cidadania (ao contrário da minoria árabe de Israel), a população dos territórios é obrigada a pagar impostos para o ocupante e utilizada como mão-de-obra barata em Israel, geralmente em serviços não-especializados, como a construção civil.

As condições de vida nos territórios ocupados beneficiaram apenas uma minoria da população, que em função dos laços econômicos criados com Israel ao longo dos últimos vinte anos, constitui uma barreira contra as reivindicações nacionais dos palestinos. Os trabalhadores são a coluna vertebral da resistência à ocupação.

Organizações sindicais embrionárias foram formadas, sempre perseguidas pelas forças de ocupação, que procuram deportar seus líderes para outros países árabes. Por último, à repressão política, econômica e social, se junta a repressão cultural, com o tutelamento das escolas e universidades, em uma evidente contradição vivida pelos próprios judeus em regimes anti-semitas.

CONSEQÜÊNCIAS

A situação criada nos territórios ocupados traz reflexos nefastos para Israel. Karl Marx já advertia que um povo que oprime outro povo não pode ser um povo livre. Essa verdade é reafirmada pela crescente corrosão dos princípios democráticos que nortearam a fundação

¹ Sociólogo, Administrador do Diretório Estadual do Partido dos Trabalhadores de São Paulo.

do Estado de Israel. Em razão do endurecimento no trato da população civil árabe, surgiram os falsos-profetas, os chauvinistas, os reacionários, os inimigos da democracia em geral.

Um deles, o rabino Meir Kahane, norte-americano de origem e antigo defensor da política de Nixon na Guerra do Vietnã, muda-se para Israel. Uma vez instalado no país, arregimenta adeptos entre os desclassificados sociais e racistas para uma plataforma política que prega a expulsão dos palestinos não só dos territórios ocupados, como também os detentores cidadania israelense. Já para o rabino Lewinger, militante do ultranacionalista *Gush Emunim* (Bloco da Fé), os palestinos não passariam de “estrangeiros”, o que justificaria qualquer medida contra eles.

Os rabinos Lewinger e Meir Kahane constituem exemplos de uma vanguarda intolerante e antidemocrática, disposta a utilizar o terrorismo como arma política. É de pequenos grupos como estes que partem as provocações que matam árabes e judeus, como o pacifista israelense Emil Grunzweig, assassinado com uma granada de mão lançada por um extremista de direita em 1983.



25 anos após o assassinato de Emil Grunzweig, sua memória é homenageada em ato público promovido pelo movimento pacifista *Shalom Achshav*, Paz Agora em hebraico (2008, Telavive, Israel)

FUTURO INCERTO

As perspectivas gerais não são otimistas. O governo de União Nacional, integrado pelo Partido Trabalhista e o *Likud* (bloco de direita) é hegemonizado pelo *Likud*, alinhamento que apoiou o reacionário Menachem Begin (1977/1983). Os trabalhistas são denunciados como

os articuladores de propostas endossadas pela direita. Neste caso, parece exemplar que se deva a Golda Meir (trabalhista) a célebre frase “os palestinos não existem” e que os primeiros projetos de instalação de colônias em Gaza e Cisjordânia fossem de autoria dos trabalhistas.

Trata-se, no entanto de uma tradição. Já em 1948 foram os trabalhistas que lançaram a proposta da “profissionalização do exército”, significando a eliminação da guarda kibutziana, o *Palmach*. Esta milícia, formada por trabalhadores rurais de orientação esquerdista, potencialmente favoráveis à criação de um estado socialista em Israel, era naturalmente vista com reserva pela liderança trabalhista conservadora.

As constantes guerras no Oriente Médio concorreram também para criar uma sociedade militarizada e uma grande indústria bélica, que produz de granadas de mão a engenhos nucleares. Os artefatos bélicos produzidos por Israel acabaram por sua vez incorporados ao jogo geopolítico internacional, já que parte dos mesmos é exportada para as ditaduras do Terceiro Mundo com a óbvia aquiescência de Washington. Este arsenal também garante uma grande margem de manobra para a direita israelense, no caso dos Estados Unidos passarem a exigir concessões.

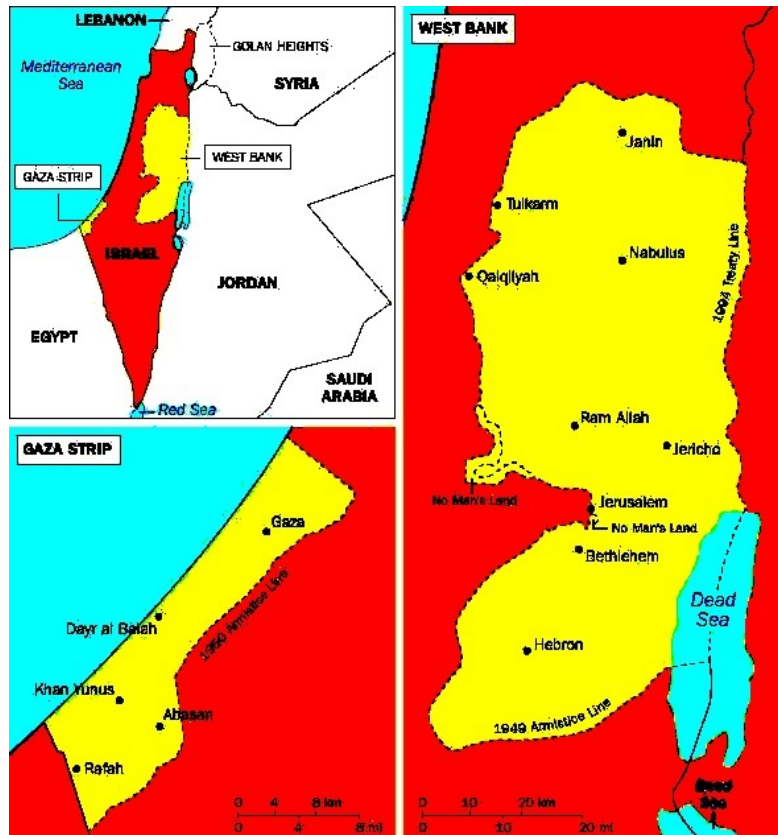
OS ATORES DA REBELIÃO

A rebelião palestina mostra a existência de um poderoso movimento de massas, cujos protagonistas em Gaza e na Cisjordânia, são fundamentalmente diferentes. Em Gaza, que antes de 1967 estava sob administração militar egípcia, temos uma rebelião sob a orientação dos sacerdotes do grupo *Jihad Islâmica*, muito próximo da Irmandade Muçulmana do Egito (ironicamente, foram as autoridades israelenses que ao longo dos últimos 20 anos construíram dezenas de mesquitas na tentativa de desviar para o campo religioso as atenções da população de Gaza).

Quanto à Cisjordânia, são trabalhadores com incipiente militância sindical que lideram a insubordinação. Este quadro prova que a insatisfação nos territórios ocupados atingiu um nível muito alto, possibilitando que diferentes canais de expressão (religião, sindicatos etc.) habilitem-se a expressar o repúdio à ocupação. A Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que a imprensa procura colocar a reboque dos acontecimentos, constitui na realidade o único grupo político com respaldo popular nos territórios, detendo uma hegemonia que 20 anos de ocupação não conseguiram extinguir.

GEOGRAFIA DO CONFLITO

A terminologia que os meios de comunicação usam para localizar os acontecimentos no Oriente Médio nem sempre são de conhecimento de quem em tese está sendo informado. Analisemos o mapa abaixo:



(Mapa: USAID West Bank e Gaza)

O Estado de Israel corresponde à área em vermelho no encarte do canto superior esquerdo, limitada pelas linhas de armistício de 1949 e 1950, quando finaliza o primeiro conflito árabe-israelense ou como denominam os israelenses, a *Guerra da Independência* (1948/49). Estas fronteiras assim permaneceram até 1967.

Faixa de Gaza (*Gaza Strip*) e a Cisjordânia (*West Bank*), constituem trechos do que deveria ter constituído o Estado árabe-palestino pela proposta de Partilha da Palestina da ONU, de 1947. Entretanto, após a *Guerra da Independência* de Israel, Gaza passou para a administração militar egípcia e a Cisjordânia foi anexada pelo Reino da Jordânia.

Estes territórios foram por sua vez conquistados por Israel na *Guerra dos Seis Dias* em 1967. Israel manteve estes territórios sob seu controle absoluto até os *Acordos de Oslo*, de 1993. Desde então, trechos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia tem sido entregues à Autoridade Nacional Palestina (ANP). Pelos *Acordos de Oslo*, a Faixa de Gaza (*Gaza Strip*) e a Cisjordânia (*West Bank*) formariam o futuro Estado Palestino.

Quanto às Colinas do Golan (*Golan Heights*), correspondem a um território sírio conquistados por Israel em 1967. O Golan foi anexado por Israel em razão de aspectos estratégicos e do acesso aos recursos hídricos. Desde então o território tem sido intensamente colonizado por Israelenses. A anexação, contudo, não possui reconhecimento internacional. Parte expressiva da população original do Golan pertence à minoria drusa.

A península do Sinai foi um território egípcio ocupado por Israel na *Guerra dos Seis Dias*. Após a Guerra do *Yom Kipur* (1973), a região foi devolvida ao Egito a partir do Acordo de *Camp David* (1979). A superfície do Egito que aparece no mapa constitui uma fração da totalidade do Sinai.

Por fim recorde-se que os territórios ocupados recebem em alguns casos outras denominações, tais como *Margem Ocidental* para o caso da Cisjordânia. Grupos de extrema direita de Israel denominam ainda a Cisjordânia de *Judéia e Samaria*, referências toponímicas inspiradas na Bíblia.

COPYRIGHT©MW

AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DESTE TEXTO DESDE QUE INDICADA A MENÇÃO BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:

WALDMAN, Maurício. *A Guerra dos Territórios Ocupados*. Jornal PT São Paulo, São Paulo (SP), nº 48, p. 8 - 8, 01 jan. 1988.

PALESTRAS, CURSOS E OFICINAS DESENVOLVIDOS POR MAURÍCIO WALDMAN

Contato: mw@mw.pro.br

Saiba Mais: http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?c=o&p=cursos_e_palestras

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>